

A montagem em *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier

Lielson Zeni
(UFPR)¹

Resumo

A proposta deste trabalho é analisar a obra *O Mez da Gripe* de Valêncio Xavier, pela perspectiva do leitor. Para isso, utilizo as Teorias da Recepção, e as ideias de Sergei Eisenstein sobre montagem e justaposição. Para a análise, escolhi um dos eixos narrativos da obra e me dediquei essencialmente às relações entre montagem das diversas narrativas e criação de sentido para o leitor.

Palavras-chave: *Valêncio Xavier, Teoria da Recepção, Sergei Eisenstein.*

Abstract

In this work I try make the analisys of the text *O Mez da Gripe*, by Valêncio Xavier, for the lector's way. For this, I use reception's theory and of the Sergei Eisenstein's ideas about edition and juxtaposition. For the analisys, I choose one of the narrative ways and work specialy about relations between many narrative's edition and lector's sense creation.

Keywords: *Valêncio Xavier, Reception's Theory, Sergei Eisenstein.*

Wolfgang Iser diz que “a leitura acopla o processamento do texto com o leitor; este por sua vez, é afetado por tal processo.” (1999, p. 97) O teórico alemão chama essa relação entre texto e leitor de *interação*.

1. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (2007), tendo se formado bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Paraná (2003) e bacharel em Letras – Português, também pela UFPR (2008). Seus interesses de pesquisa são teorias da comunicação, teorias da literatura, literatura brasileira, histórias em quadrinhos e cinema.

Ou seja, o ato da leitura é a força que liga leitor e texto. Tornando real o texto, que até o momento de sua leitura é apenas ‘provável’ e fornecendo algum tipo de informação ao leitor, que ao ‘ativar’ o texto o apreende e interpreta. Uso para informação os conceitos apreendidos das teorias da comunicação. É difícil encontrar um conceito único e fechado para ela, que sofreu diversas mudanças e atualizações no transcorrer da história das ciências que estudam a comunicação e a informação. Apresento o conceito de Hayes: “propriedade de dados (isto é, símbolos registrados) os quais representam (e medem) efeitos de seu processamento” (HAYES, R. M. citado em PINHEIRO, 2004). Sendo os dados ou símbolos registrados a linguagem, e seu processamento a identificação deles.

Ao desenvolver um pouco as ideias contidas na citação de Iser acima, podemos perceber uma ideia de boa parte da crítica literária, pensadores da literatura e da linguagem atualmente: o texto só se realiza, acontece de fato, diante do leitor, no momento da sua leitura. Antes ele é informação em potencial.

Esse pensamento eleva o papel do leitor perante o texto. O leitor se torna “essencial”, diante tal concepção. Antes já se pensava na importância do leitor como uma espécie de destino, e de certa forma, como um direcionador do texto. Ou seja, o produtor do texto, no momento de sua elaboração, pressupõe quem serão seus receptores. Essa relação afeta o conteúdo, forma e quantidade de informação do texto, já no momento de sua concepção. Mas com esse novo encargo de ‘ativador do texto’, o leitor é posto no mesmo patamar do escritor, ainda que em momentos diferentes e com objetivos diferentes. Isso deixa o leitor e o texto num ponto de encontro tão óbvio quanto o ovo de Colombo: imprescindíveis um à existência do outro.

Não há leitor se não houver leitura, se não houver texto. E obviamente, não há texto se não houver um leitor, há somente informação potencial. Mesmo antes das propostas da Escola de Constanza (da qual Iser é um representante) sobre a subvalorização do leitor e a supervalorização da autoria, um autor russo já propunha uma forma de encarar as manifestações artísticas pelo viés da recepção.

Sergei Eisenstein, um dos grandes cineastas da história do cinema soviético e

mundial, ao pensar a sétima arte, e sobretudo a montagem, já se preocupava com o efeito que se produziria sobre o espectador. Para Eisenstein, a “montagem é uma propriedade orgânica de todas as artes” (EISENSTEIN, 2002, p. 9). E justifica a afirmação, expondo o que considera os motivos fundamentais da função da montagem: “o papel que toda obra de arte se impõe, a *necessidade de exposição coerente e orgânica do tema, do material, da trama, da ação,...*”[grifo do autor] (EISENSTEIN, 2002, p. 13).

Desse modo, boa parte de seus escritos e reflexões sobre cinema adquirem um caráter universal. No artigo inicial de “A forma do filme”, “Palavra e imagem”, os exemplos de artes plásticas, literatura e cinema convivem e trabalham juntos para demonstrar as teorias do cineasta russo quanto à técnica da montagem. Para Eisenstein, a montagem não é uma mera organização dos elementos, mas intrínseca à técnica de qualquer arte. E como tal, também deve ser trabalhada em favor de um efeito final ainda mais produtivo. A montagem é uma ferramenta em favor da coesão e também da narrativa emocional. Para ele, a narrativa emocional é a parte que tocará diretamente ao espectador, leitor e apreciador do objeto artístico.

O encontro entre a recepção e as reflexões eisensteinianas se dão de forma clara em seu conceito de justaposição:

dois pedaços de filme de qualquer tipo, colocados juntos, inevitavelmente criam um novo conceito, uma nova qualidade, que surge da justaposição. Esta não é, de modo algum, uma característica peculiar do cinema, mas um fenômeno encontrado sempre que lidamos com a justaposição de dois fatos, dois fenômenos, dois objetos. (EISENSTEIN, 2002, p. 14)

Retornando a Iser, “é preciso que a atividade do leitor seja de alguma maneira programada pelo texto.” (ISER, 1999, p. 104) Entendo por texto aqui toda a forma de expressão simbólica de alguma maneira organizada, que pretenda desse modo conceder acesso a uma informação. Portanto, não apenas o texto verbal ou o texto alfabético escrito, mas também manifestações pictóricas, signos diversos, movimentos, etc. Evidencia-se o valor do leitor, pois o sentido dos dois textos justapostos só surge no momento da leitura. E seu valor é superior a simples soma das partes. A justaposição acresce um valor próprio às duas partes somadas.

Usando outro termo de Iser, as lacunas do texto (espaços de significados do

texto inerentes a ele e indissociáveis. Surgem devido à característica da significação diversa própria à linguagem) são preenchidas com o “trabalho do leitor”. O leitor vai completar as lacunas com sua experiência de leitura e de mundo. As lacunas podem servir para que o autor possa programar certa ‘liberdade’ para o leitor no momento da leitura do texto. A lacuna na justaposição surge também no espaço justaposto. A área de encontro apresenta várias lacunas, pedindo ao leitor que as preencha. O preenchimento delas que fará da justaposição esse elemento criador. E dessa forma, o texto programa a liberdade do leitor: “A necessidade de interpretação advém da estrutura peculiar à experiência pessoal” (ISER, 1999, p. 100).

Acho importante enfatizar que tal liberdade é programada e, portanto, não permitirá ao leitor qualquer interpretação possível. Os dois elementos justapostos devem guardar um grau de semelhança entre si e com o todo. Ao gerar uma liberdade plena de significação, pode-se fazer com que o texto seja interpretado pelo que não propõe, ou até mesmo o contrário.

Dentro dessa perspectiva, proponho uma análise de trechos da novela *O Mez da Gripe*, de Valêncio Xavier. Os comentários gerais e as resenhas da imprensa já apresentam a obra de Valêncio Xavier como ‘cinematográfica’. Pensei então em quanto disso realmente transpareceria ao usar uma lupa teórica de cinema (embora de um caráter universal) para ver mais de perto um dos textos mais conhecidos de Xavier. Esclareça-se, entretanto, que com isso eu não estou a defender que a literatura de Xavier seja cinematográfica, mas sim que seus textos, pela peculiaridade de juntar texto verbal e texto pictórico pode ser avaliado pela teoria da montagem do cinema. Em minha opinião, o trabalho de Valêncio Xavier guarda muitas mais relações de forma com o livro ilustrado e com as histórias em quadrinhos do que com imagens em movimento.

Proponho-me então a refletir sobre a obra do ponto de vista da recepção e tendo como apoio as teorias de justaposição e de montagem eisensteinianas. Para tal, concentrei a análise em um dos eixos narrativos da obra, enfocando essencialmente a associação entre texto verbal e imagens e a associação entre texto verbal e texto verbal.

A novela de Valêncio Xavier possui vários eixos temáticos, desempenhando as mais diferentes funções: o desenvolvimento da parte final da Primeira Grande Guerra Mundial apresentada por meio de colagens de notícias de jornais da época; a história de um louco no Hospício Nossa Senhora da Luz que, em um acesso de fúria, mata quatro pessoas em prosa ficcional; as autoridades locais tentando ocultar a epidemia da gripe espanhola na cidade de Curitiba também com recortes de jornais, o relato de uma infectada na época - Dona Lúcia, etc. E o eixo que me proponho a olhar mais de perto: do homem que invade uma casa com um casal acometido pela gripe e abusa sexualmente da mulher, criado em prosa ficcional e colagem de imagens e documentos.

Penso que diante tantos eixos narrativos, com diferentes peculiaridades, faz bastante sentido em pensar no montador da obra, no lugar do narrador. Cada eixo narrativo apresenta seu narrador. A organização textual, normalmente é um dos encargos do narrador, aqui ganha um novo sentido: além da organização de cada narrativa, há a organização das narrativas em busca de uma obra coerente. Essa organização é a montagem realizada por Valêncio Xavier. Ao escolher qual figura, qual parte do texto, que manchete, se uma propaganda ou um documento oficial, o autor está organizando a coerência interna da obra, montando emocionalmente o texto e programando a leitura do leitor.

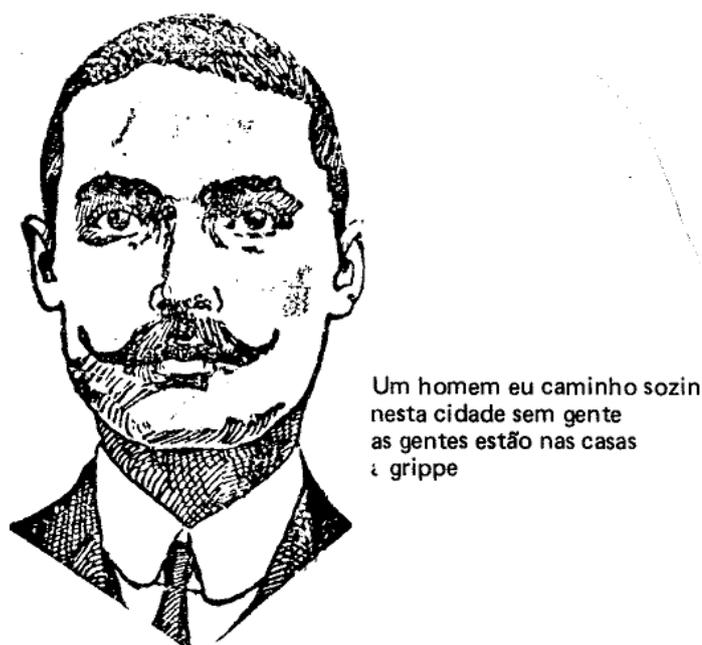
Para esse estudo, utilizei a primeira edição da obra, de 1981, edição de autor com apoio da Fundação Cultural de Curitiba e da Casa Romário Martins, 75 páginas. Todas as referências às páginas são dessa edição. Existe uma segunda edição publicada pela Companhia das Letras em 1998, intitulada *O Mez da Gripe e Outros Livros*, que coleta esse e outros trabalhos de Valêncio, e está esgotada na editora.

O Mez da Gripe todo é formado de recortes de dois jornais de Curitiba da época (Comercio do Paraná e Diário da Tarde), trechos de documentos oficiais, partes de depoimento de uma testemunha presente da epidemia – aparentemente ficcional, propagandas da época, narrativas verbais criadas pelo autor. Tudo cortado e reestruturado por Valêncio Xavier. Montado. Ao folhear o livro, já percebemos o apelo visual e sua costura com os textos e imagens. Se pensarmos em Eisenstein

quando fala na montagem como organizador da peça artística, não há dúvidas que encontramos esse elemento no trabalho de Valêncio Xavier.

Seria impossível uma obra coerente sem uma “montagem” que organizasse os recortes, trechos, figuras e partes. E essa preocupação organizadora se faz bastante clara na escolha do autor, de utilizar fontes tipológicas diferentes para acontecimentos diversos. A narrativa que trata do interno do Hospício Nossa Senhora da Luz é em negrito; a narrativa do invasor da casa, além da tipologia específica, também é disposta de uma maneira muito particular na página; os documentos oficiais são quase todos em letras maiúsculas e sempre assinados; os depoimentos de Dona Lúcia vêm todos entre parênteses e assinalados ao final com ‘Dona Lúcia – 1976’.

Existem 19 trechos dos depoimentos de Dona Lúcia distribuídos pela obra, e a narrativa do invasor da casa também está seccionada em 19 partes. Esses dois eixos narrativas andam bastante próximos e preenchem e fecham lacunas um para outro e um no outro. Já na primeira página temos uma retomada. Uma figura, como se fosse um busto, que é parte do desenho que compõem a capa está na parte inferior da página: um homem branco de terno preto, bigode e cabelo liso. Essa mesma figura será associada à fala do personagem invasor por mais duas vezes na obra (páginas 9, 52, 62).



DIA 19 TERÇA

†
M

OS OBITOS DE HONTEM

NÃO HÁ AUMENTO
NEM DIMINUIÇÃO



Ela geme baixinho, não mais de febre
agora de gôzo?
Gôzo e no auge do gôzo tento
abraçar todo seu corpo que se
me escapa e tenho nas mãos
como um pássaro peixe

Pág. 52

DIA 22 SEXTA



FUGIO NO DELIRIO DA FEBRE E
NINGUEM O ENCONTRA

Noticiamos ha dias que o sr. Telemaco Jardim em um momento de crise nervosa ocasionada pella gripe de que estava acometido, fugiu de sua residencia á rua Carlos de Carvalho n.8, tendo a familia do enfermo solicitado os officios da policia para descobrir-lhe o paradeiro.

Entretanto, dias já se passam e não obstante os esforços empregados pela Inspectoria de Agentes e por pessoas amigas, o desventurado moço não é encontrado.

Concorre muito para interceptar as investigações o facto do pouco movimento da cidade, difficultando as informações que poderiam ser colhidas acerca do paradeiro do sr. Telemaco.

A falta de qualquer noticia sobre o pobre moço, leva a crer que se trate de uma occurencia mais grave.

A policia prossegue nas diligencias para deslindar o facto.

DIÁRIO DA TARDE

Pág. 62

Pensando nas teorias da montagem e da justaposição entre texto imagem, é como se tivéssemos um rosto para esse homem que invade uma casa. Trata-se de um rosto um tanto comum, moldado à época que se passa a história narrada, o ano de 1918. Temos a tal figura, e um texto que difere dos demais da página, que contém no topo uma manchete de jornal sobre a guerra, abaixo um trecho de um relatório do Serviço Sanitário, e abaixo desse à esquerda a figura do homem acima citado e à direita o texto em primeira pessoa, que fala sobre um homem que anda pela cidade contaminada pela Gripe Espanhola.

O leitor vê uma figura a traço e reconhece a figura de um homem. O mesmo homem que está desenhado na capa do livro. A lacuna aqui é preenchida: se essa figura está na capa, e reaparece aqui, é natural pensar que ela corresponde a um personagem da história. E provavelmente, personagem importante, para merecer capa e primeira página. O leitor pode até mesmo especular ser ele o personagem principal da obra.

Já ficou claro para leitor (pelo menos nesse momento) que o personagem representado pelo desenho é alguém importante dentro da trama. O título do livro dá a ideia de que a história principal seja a de uma epidemia, o livro começa falando da guerra, para em seguida apresentar um relatório de Trajano Reis falando sobre disseminação da Gripe Espanhola em Paranaguá, através visitantes contaminados oriundos do Rio de Janeiro. Em seguida, é apresentada ao leitor a figura do homem de bigode ao lado texto, criando também a associação desse homem de algum modo com a Gripe Espanhola. Ligação essa ainda não revelada.

A partir desse ponto, o livro começa a acompanhar dia a dia, o desenvolver da Gripe Espanhola em Curitiba, de 20 de Outubro de 1918 até 3 de Dezembro de 1918. O texto é dividido em meses, como se fossem capítulos. Essa primeira página não é datada. Essas datas serviram à montagem ao indicar ao leitor que o tempo decorrido é cronológico, e indicar a quais datas pertencem os jornais dos recortes apresentados.

É bastante lógico na organização da obra que a primeira aparição do ‘homem de bigode’, tanto visual quanto verbalmente, seja numa página não datada, pois sua ação transcorre num único momento, não em vários dias, como a epidemia. Embora essa narrativa transcorra toda a epidemia (sendo sua última aparição na página 62), ela se dá em um único momento. Ao justapor as datas e esse movimento único, o leitor pode até mesmo entender que o fato relatado não tenha sido o único realizado pelo ‘homem de bigode’.

A segunda referência – página 14 - a esse homem invasor é numa página que apresenta na parte superior um trecho de um relatório do Serviço Sanitário. Consta nesse relatório um pedido para que se evite aglomerações de pessoas e que se evite visitas. Abaixo vem o texto verbal da narrativa do ‘homem de bigode’, relatando a entrada dele numa casa que estava com a porta aberta. Abaixo, uma reprodução de um cartão postal do bairro do Batel em Curitiba, muito provavelmente do começo do século XX, com uma espécie de mensagem manuscrita e em alemão. Abaixo do cartão postal, mais um excerto da narrativa, em que o invasor se pergunta o porquê de invadir a casa.

CONSELHO

ACONSELHAMOS AOS HABITANTES DE CORITIBA QUE NÃO SE VISITEM, MESMO QUE NÃO HAJA MOLESTIA NAS CASAS QUE PRETENDEREM FREQUENTAR, ATÉ QUE TERMINE A EPIDEMIA NO RIO DE JANEIRO; BEM COMO QUE NÃO CONCORRAM AOS LOGARES ONDE HOUVER AGGLOMERAÇÕES DE PESSOAS.

SR. DR. TRAJANO REIS
DIRECTOR DO SERVIÇO SANITARIO DO ESTADO

22/10/1918

Entro na casa
a porta sem chavear
alguém que saiu para voltar
e não mais voltou
entrou para sair
e não mais saiu



Não sei porque
entro entrei
nesta casa onde nunca entrei
Pássaro em água estranha
Vagueio pela penumbra do corredor
pela porta entreaberta vejo

página 14

A justaposição do texto do documento oficial que pede para que as pessoas não saiam de casa e do trecho da narrativa verbal, em que o homem afirma sua entrada numa casa desconhecida, cria além da ideia de invasor e da associação dele com a epidemia, também a imagem de um homem oportunista, que se vale de um momento em que as pessoas se mantêm em casa e as ruas estão desertas, para agir. Isso gera no leitor uma ideia sobre o provável comportamento desse homem, e faz com que o posicione como um personagem sob suspeita.

O texto verbal sobre a invasão entremeado pelo cartão-postal faz com que prospectemos que a casa invadida possa ser no bairro do Batel. O texto em alemão que está no postal servirá como uma referência futura. Percebe-se que algumas

informações lançadas agora serão utilizadas em outro momento. Este tipo de técnica de organização de texto, de montagem, é utilizado em narrativas que buscam criar expectativa, como narrativas de mistério e terror.

O texto em alemão começa a criar algum sentido, quando o ‘homem de bigode’ descreve a mulher adoecida que ele vê na cama. Ela possui traços físicos característicos da etnia alemã. Mas essa informação será produtiva de fato, quando o leitor ‘acessar’ o relato de Dona Lúcia (página 39), sobre um casal de alemães que não se relacionava com os vizinhos, que adoeceu durante a epidemia e só foram encontrados quando já se havia transcorrido muitos dias. Acima desse trecho, o mesmo cartão postal escrito em alemão apresentado anteriormente, e mais uma parte do texto verbal do ‘homem de bigode’.

Ou então,
as de pouco pelo (negro)
que conheci
ofereciam lesmas escuras
que mesmo penduradas
da carne faziam parte



“Morava um casal de alemães, a mulher alta, loira, muito bonita. Clara, isso, seu nome era Clara. Não recebiam muita visita, não se davam com a gente do bairro. Os dois caíram com a gripe, ninguém notou. Imagine os dois, um num quarto, outro no outro, sofrendo sem assistência. Passaram muitos dias até que uma vizinha lá entrou e encontrou os dois. . .”

DONA LÚCIA – 1976

página 39

Ao rever a mesma imagem de antes, a associação criada pelo leitor é de que ambas a vezes que apareceu o cartão postal, tratava-se do mesmo lugar. Esse lugar é que foi invadido pelo ‘homem de bigode’ e é a casa dos alemães de quem

fala Dona Lúcia. Nas páginas 71 e 72, teremos o desenvolver de todas essas ideias sugeridas e apresentadas até aqui. Os textos dessas duas páginas apresentam as mesmas características: tem um trecho do depoimento de Dona Lúcia na parte superior e outro na parte inferior da página, no meio um anúncio de jornal sobre uma missa em homenagem a uma mulher morta durante a epidemia - Clara Margareth Heisler. O anúncio da página 71 difere do da página 72 pela inclusão dos filhos nos agradecimentos e convite para missa.

“...até que, um dia, tomou o veneno na rua, morreu, acharam ela já morta. Foi muito tempo depois, acho que foi lá por 30.”
DONA LÚCIA – 1976

“Não, ela morreu na gripe. O marido se salvou, ir morreu. Vi o corpo, bonita, muito branca, cabelo bratão loiro, mortalha branca.”
DONA LÚCIA



Missa

Germano Heisler penhoradamente agradece a todas as pessoas que acompanharam os restos mortaes até á sua ultima morada de sua pranteada e inesquecível esposa

CLARA MARGARETH HEISLER

Aproveitando a oportunidade convida seus parentes e pessoas de sua amisade para assistirem á missa que manda celebrar sexta-feira, a hora 8, na igreja da Ordem. Por este acto de religião e caridade se confessa agradecido.



Missa

Germano Heisler e filhos penhoradamente agradecem a todas as pessoas que acompanharam os restos mortaes até á sua ultima morada de sua pranteada e inesquecível esposa e mãe

CLARA MARGARETH HEISLER

Aproveitando a oportunidade convidam seus parentes e pessoas de sua amisade para assistirem a missa eu mandam celebrar sexta-feira a hora 8, na igreja da Ordem. Por este acto de religião e caridade confessam-se agradecidos.

“Moça bonita, solteira. Morreu na gripe. Não resistiu a febre forte. Muito branca, alta, cabelo loiro bem comprido. Morreu na gripe.”
DONA LÚCIA – 1976

“Não, na época ela não era casada. Moça bonita, solteira. branca, loira. Casou, teve filhos, mas nunca mais ficou com cabeça. Tinha períodos de lucidez, casou depois da gripes, mas nunca mais ficou certa da cabeça.”

página 71

página 72

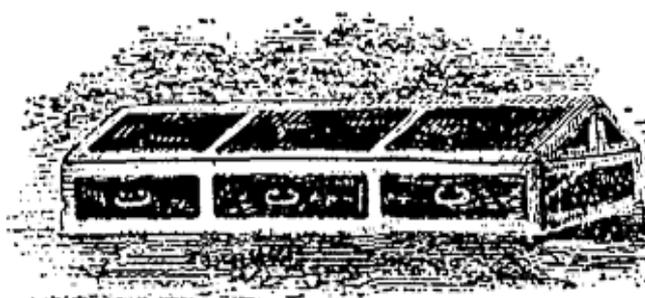
As declarações de Dona Lúcia dizem respeito a duas mulheres que foram acometidas pela Gripe Espanhola: uma que morreu vitimada pela doença e a

outra que enlouqueceu e suicidou-se com veneno. O leitor fará a justaposição dos textos, e poderá concluir que Dona Lúcia fala de duas mulheres. O convite para a missa traz o nome de Clara e um sobrenome alemão. O primeiro anúncio nos informa que é casada e sem filhos, e o segundo anúncio, casada e com filhos. A ordem é importante: o segundo anúncio dá ao leitor a impressão de que esse é uma correção do primeiro, afinal, a correção só pode vir após o erro. Como os desenhos também diferem, o leitor também pode considerar que cada um desses anúncios foi publicado em um dos jornais. Afinal, o leitor se encontrou várias vezes com a mesma notícia dada de modo diferente por cada um dos jornais. A não ser ao acreditar no critério da ordem da apresentação das informações, não é possível afirmar qual é a correta.

Os depoimentos de Dona Lúcia também são ambíguos e começam falando de uma moça que se suicidou na década de 30, que após a gripe havia enlouquecido. O leitor ao ver o anúncio da missa abaixo, pensa logo se tratar da alemã, Clara. E já prospecta que a violência sofrida pela mulher, enquanto estava doente, pode ter afetado sua sanidade mental. Expectativa essa desfeita com o próximo relato de Dona Lúcia, pois fala de uma moça com as características físicas de Clara e da mulher violentada pelo ‘homem de bigode’, porém morta durante a epidemia e solteira. Aqui, o leitor está diante de uma revelação: Dona Lúcia está falando de duas moças distintas. E não pode ser de Clara, pois ela é casada - informação dada ao leitor pelo anúncio. Qual delas sofreu abuso enquanto doente?

Na outra página, Dona Lúcia, parece retificar o que havia antes falado: que a moça loira morreu durante a epidemia e salvou-se o marido. Abaixo vem o anúncio que permite ao leitor pensar que Clara tinha filhos. Mais um elemento aqui pode nos fazer pensar que esse anúncio é uma correção do anterior: o fato de Dona Lúcia também parecer se corrigir. Abaixo do anúncio, mais uma vez um relato que pode ser interpretado como se fosse uma correção: Dona Lúcia fala de uma moça com as mesmas características físicas de Clara e da vítima do ‘homem de bigode’ que era solteira na época da epidemia, e ficou louca. Com essas informações o leitor pode associar que essa é a mesma suicida. Mas qual é a mulher violentada sexualmente?

O fato de Valêncio Xavier costurar esses eixos narrativos com a mesma característica física (tanto a mulher violentada, quanto a alemã, quanto uma terceira moça solteira): todas são loiras, altas, de cabelos longos. As justaposições coincidem, e derrubam uma certeza para o leitor de que a mulher atacada pelo ‘homem de bigode’ era a alemã. Os depoimentos de Dona Lúcia tornam-se confusos e ambíguos. Será uma terceira moça a solteira que morre de gripe? Pois temos certeza que Clara era casada, pelo anúncio do jornal. A mulher atacada também, pois está textualmente registrado na “fala” do homem de bigode que havia um homem que tossia na casa (na página 57). Um homem que tosse, num contexto de disseminação de uma epidemia, é interpretado como um homem gripado.



Nada mais me importa agora
 nem a mancha do gôzo em minha calça
 Nem o paletó cheguei a tirar
 O marido?
 tosse que ecoa por toda a casa
 saio pela porta sem chavear
 sem a volta da chave na fechadura

página 57

Toda essa dúvida e quase interpretações são programadas pela montagem das narrativas. Valêncio Xavier prepara uma montagem ambígua ao final do texto para que o leitor não tenha certeza do que de fato ocorreu. Por mais que o leitor consiga resolver quem é de fato a mulher atacada pelo ‘homem de bigode’, ainda permanece uma dúvida. Essa dúvida, programada pelo montador, associada ao

fato da narrativa do ataque não estar filiada a nenhuma data especificamente, pode levar o leitor a considerar que o caso relatado na obra não foi o único cometido pelo ‘homem de bigode’.

Valêncio Xavier monta todas as suas narrativas de modo a criar as mais diversas associações, ambiguidades e interpretações. As lacunas criadas pelo texto são várias, e a justaposição entre textos verbais e imagens geram poucas certezas, e as entre textos verbais tendem a ambiguidade. Desse modo, a obra se mostra propensa a muitas leituras e possibilidades interpretativas. Possibilidades essas, programadas pelo autor, para que o leitor possa interagir com o texto. Interação essa, num grau superior à interação que um leitor executa ao ler um artigo sobre a novela como este, pois suas lacunas são maiores, e pedem uma participação maior do leitor. Participação essa, fundamental para a obra.

Referências

EISENSTEIN, Sergei. *O sentido do filme*. 2 ed. Trad. Teresa Otoni. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2002.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético (Volume 2)*. Trad. J. Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Informação - esse obscuro objeto da ciência da informação, in: *Revista Eletrônica Morpheus* - ano 2 – nº 4 -2004. <http://www.unirio.br/cead/morpheu/>

XAVIER, Valêncio. *O Mez da Grippe*. Curitiba: Edição do autor, 1981.